

CONHECIMENTO DAS MULHERES SOBRE VIOLENCIA OBSTETRICA A BUSCA PELO CONHECIMENTO QUE PODE MUDAR A REALIDADE

CARREIRO, Inara Mattos¹ e ANDRADE, Kelly Gomes Messias²

Resumo

Violência obstétrica são ações danosas à integridade da mulher de modo físico, psíquico, moral e/ou institucional que pode ocorrer em todo processo assistencial: gravidez, parto, puerpério e em situações de abortamento. O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa, com pesquisa de dados dos últimos cinco anos (2016-2021), nas bases de dados: MEDLINE, LILACS e BDNF, resultando em 5 artigos selecionados que discutiu a seguinte categoria temática: “Práticas violentas na assistência e violência obstétrica: o que elas sabem a respeito?”. Conclui-se que a ausência de conhecimento das mulheres no que tange a violência obstétrica, presume uma lacuna na área educativa. Tal realidade facilita o abuso de práticas consideradas violentas causadas por profissionais que tem o dever de orientar, garantir o cuidado integral, digno e humanizado e acabam por ser realizados como se fossem naturais e com dificuldades de serem confrontados.

Palavras-chave: autonomia feminina. violência obstétrica. violência obstétrica institucional.

¹ Uniredentor, Graduação, Itaperuna-RJ, inaramcarreiro@gmail.com

² Uniredentor, Graduação, Itaperuna-RJ, andradekg@hotmail.com

Abstract

Obstetric violence is actions harmful to the woman's integrity in a physical, psychological, moral and/or institutional way that can occur in every care process: pregnancy, childbirth, puerperium and abortion situations. This study is an integrative review, with data search for the last five years (2016-2021), in the databases: MEDLINE, LILACS and BDNF, resulting in 5 selected articles that discussed the following thematic category: "Practices violence in care and obstetric violence: what do they know about it?". It is concluded that the lack of knowledge of women regarding obstetric violence presupposes a gap in the educational area. This reality facilitates the abuse of practices considered violent caused by professionals who have the duty to guide, ensure comprehensive, dignified and humanized care and end up being performed as if they were natural and with difficulties to be confronted.

Keywords: female autonomy. obstetric violence. institutional obstetric violence.

1 INTRODUÇÃO

As experiências em todo processo gestacional impactam significativamente a vida de uma mulher, destacando assim a necessidade de uma assistência humanizada no processo de cuidar “atenção humanizada ao parto, referindo-se à necessidade de um novo olhar, compreendendo-o como uma experiência verdadeiramente humana. Acolher, ouvir, orientar e criar vínculo são aspectos fundamentais no cuidado às mulheres” (POSSATI et al., 2017, p. 2):

Todas as mulheres têm direito ao mais alto padrão de saúde atingível, incluindo o direito a uma assistência digna e respeitosa durante toda a gravidez e o parto, assim como o direito de estar livre da violência e discriminação. Os abusos, os maus tratos, a negligência e o desrespeito durante o parto equivalem a uma violação dos direitos humanos fundamentais das mulheres, como descrevem as normas e princípios de direitos humanos adotados internacionalmente. Em especial, as mulheres grávidas têm o direito de serem iguais em dignidade, de serem livres para procurar, receber e dar informações, de não sofrerem discriminações e de usufruírem do mais alto padrão de saúde física e mental, incluindo a saúde sexual e reprodutiva. (OMS, 2014, p. 1-2).

“Violência obstétrica é o termo utilizado para agrupar todos os tipos de violência sofridos pela mulher durante a gravidez, parto, pós-parto e abortamento. As agressões acontecem de forma verbal, institucional, moral, física e psicológica” (BRANDT *et al.*, 2018, p. 02-03).

Entende-se que a mulher possui autonomia sobre seu corpo e suas escolhas, no entanto muitas mulheres estão suscetíveis a atos violentos no processo assistencial, destacando a necessidade do profissionalismo da equipe de saúde (PEREIRA *et al.*, 2016).

A equipe de saúde é responsável por zelar pela integridade da mulher em todo processo de assistência, portanto, é responsável por sanar todas as dúvidas e fornecer informações pertinentes visto que a mulher necessita estar ciente sobre seus direitos e sobre as práticas aceitáveis no atendimento, valorizando assim a participação ativa da parturiente. A falta de informação tende a levar mulheres a aceitarem práticas violentas em razão de estar em momento de fragilidade, depositando assim toda sua expectativa em uma figura de confiança que seria o profissional de saúde (WOLFF *et al.*, 2008).

É importante salientar que a violência obstétrica engloba uma série de problemas resultantes de uma assistência defasada, potencializada por questões socioeconômicas e

raciais, evidenciando a disparidade entre as mulheres em especial as que são consideradas depreciadas pela sociedade, em suma, mulheres negras recebem menos informações no processo assistencial (CURI *et al.*, 2020).

Entende-se que as diferenças se dão nos seguintes atributos considerados negativos e positivos “atributos considerados positivos: casada, com gravidez planejada, adulta, branca, de classe média, saudável, entre outros e os considerados negativos: pobre, jovem ou velha demais, preta, com baixa escolaridade, entre outros” (MENEZES *et al.*, 2020, p. 10).

Por ser uma violência silenciosa e institucionalizada, os maus tratos às mulheres durante o trabalho de parto expressos através da violência física e psicológica provocam importante sofrimento psíquico nas mulheres, práticas que são naturalizadas e reproduzidas nas rotinas dos hospitais de todo o país. (BARBOZA *et al.*, 2016, p. 2).

O momento gestacional compreende um modelo de intensas mudanças. Com isso a medida que se possui o conhecimento sobre violência obstétrica permite-se o entendimento sobre métodos e ações aceitáveis no processo assistencial. Através do conhecimento as mulheres conseguem ter autonomia sobre seus corpos e sobre suas escolhas deixando assim, de ser refém do que lhe é imposto. “Entende-se que a identificação das formas de violência é uma maneira de reconhecer a existência do problema e como se dá a sua manifestação” (CARVALHO *et al.*, 2017, p. 82). Visto isso, esse estudo tem por objetivo verificar o conhecimento das mulheres acerca da violência obstétrica.

2 METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa que busca sintetizar informações sobre o conhecimento das mulheres a respeito da violência obstétrica. Entende-se por revisão integrativa, o método no qual permite o agrupamento de pesquisas de forma sintetizada sobre um tema ou questão de modo a agregar conhecimento (SOARES *et al.*, 2014).

Para formulação da pesquisa o método contou com seis etapas listadas a seguir:

Primeira: Definir o objetivo do estudo: Analisar o conhecimento das mulheres acerca da violência obstétrica. E a pergunta norteadora: As mulheres compreendem as práticas violentas que acontecem na assistência?

Segundo: Busca da literatura. Foi realizada uma busca avançada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando os Descritores em Ciências da Saúde: “violência obstétrica” e “Obstetrícia”, separados pelo *booleano* “AND”. Foi aplicado o critério de inclusão que foi

selecionar as bases de dados: LILACS, MEDLINE, BDENF; o tipo de produção científica: artigo científico; o idioma: português; e o período temporal: cinco anos (2016- 2021). Como critérios de exclusão: revisões integrativas, estudos duplicados e aqueles que não atendessem a demanda da pesquisa. Inicialmente obteve-se o número total de 90 artigos (LILACS 44, MEDLINE 22, BDENF 24) que após o emprego dos critérios de inclusão resultou em um afunilamento dos artigos (LILACS 21, MEDLINE 0 e BDENF 16), que passou pelo critério de exclusão, resultando em 5 artigos para discussão

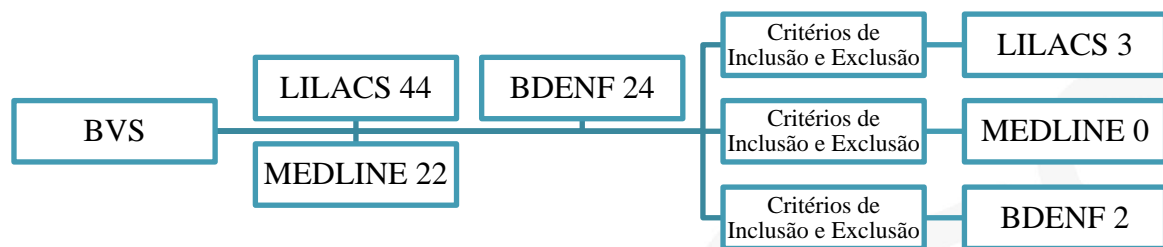
Terceiro: Leitura dos títulos e resumos de acordo com a temática e construção do quadro sinóptico com as variáveis: Título do estudo, ano de publicação, base de dados, método, autor e categoria temática.

Quarto: Análise detalhada dos estudos selecionados, com o objetivo de demarcar a categoria temática: Práticas violentas na assistência e violência obstétrica: o que elas sabem a respeito?"

Quinto: Discussão da categoria temática e da conclusão.

Sexto: Apresentação da revisão integrativa.

Figura 1: Fluxograma



Quadro 1: Sinóptico. Estudo no período de 2016 a 2021

TÍTULO DO ESTUDO/ANO / BASE DE DADOS	MÉTODO	AUTOR	PRÁTICAS VIOLENTAS NA ASSISTÊNCIA E VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: O QUE ELAS SABEM A RESPEITO?
O saber de puérperas sobre violência obstétrica/2019/ BDENF - Enfermagem	Estudo qualitativo, descritivo e exploratório,	SILVA, F. da C. et al	Do que se diz respeito ao conhecimento das mulheres acerca de violência obstétrica destaca-se que algumas mulheres atualmente ainda desconhecem sobre a temática.
A violência obstétrica praticada contra mulheres negras no SUS/2020/LILACS	Estudo descritivo, transversal, com abordagem qualitativa	CURI, P. L. <i>et al.</i>	Destaca-se que a mulher negra representa uma parcela de mulheres que menos recebem informações pertinentes nos serviços de saúde em especial no pré-natal.
Vivências de violência obstétrica experimentadas por parturientes/2019/LILACS	Estudo descritivo, transversal, com abordagem qualitativa.	OLIVEIRA, M. do S. S. de. <i>et al.</i>	Destaca-se que grande parte das puérperas desconhece o conceito de violência obstétrica visto que a temática ainda é pouco esclarecida pelos profissionais de saúde no processo de assistência.

Quadro 1: Sinóptico. Estudo no período de 2016 a 2021

(conclusão)

TÍTULO DO ESTUDO/ANO / BASE DE DADOS	MÉTODO	AUTOR	PRÁTICAS VIOLENTAS NA ASSISTÊNCIA E VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: O QUE ELAS SABEM A RESPEITO?
Violência obstétrica em mulheres brasileiras/2017/LILACS	Estudo quantitativo, descritivo, transversal.	PALMA, C. C.; DON ELLI, T. M. S.	Mulheres brasileiras têm tido um crescente interesse em optar por procedimentos danosos como a cesariana sem analisar os riscos que a mesma pode ser exposta, destacando a falta de orientação dos profissionais.
Percepções sobre violências obstétricas na ótica de puérperas /2017/BDENF - Enfermagem	Estudo descritivo, de abordagem qualitativa,	OLIVEIRA, M. de. C.; MERC Es, M. C. das.	Em suma pode-se destacar que a relação entre um pré-natal ineficiente e falta de informação faz com que mulheres desconheçam ações danosas.

Fonte: os autores

3 DISCUSSÃO

Segundo Oliveira *et al.* (2019) é de suma importância o conhecimento das práticas no processo de cuidado bem como o entendimento que a mulher é protagonista nesse processo e que sua autonomia deve ser preservada. No entanto, Curi *et al.* (2020) aponta disparidades em

relação ao atendimento às mulheres grávidas, o que demonstra que nem todas recebem informação e o conhecimento que deveriam.

Em uma pesquisa na Unidade Básica de Saúde (UBS) no município de Juazeiro do Norte, com mulheres que tiveram seus partos realizados na rede pública e privada também contataram (13 na pública e 2 na privada) a insatisfação e receio no processo de assistência, visto que as mesmas são submetidas à práticas dolorosas onde sua autonomia e privacidade não são respeitadas, resultando em um quadro de medo, dor, desconforto, entre outros.

Sendo o primeiro contato entre gestante e unidade de saúde, o pré-natal é uma peça de extrema valia no cuidado visto que o mesmo além de analisar a normalidade da gestação é uma etapa na qual se deve fornecer informações de forma a sanar todas as dúvidas que a mulher possa ter nesse processo. Em um estudo realizado sobre violência obstétrica em mulheres brasileiras podemos destacar como a falta de informação faz como que mulheres achem que uma boa assistência está relacionada com uso de intervenções, destacando o crescente incentivo ao procedimento cirúrgico, onde segundo o estudo a taxa de realização de cesáreas entre as participantes foi de 51,6% reforçando também a interferência dos níveis socioeconômicos no atendimento salientando que as condições sociais e a baixa escolaridade as deixam mais suscetíveis a atos de violência obstétrica (PALMA *et al.*, 2017)

Em um estudo realizado na cidade de São Paulo, também foi possível evidenciar o descaso do serviço público no quesito assistencial, visto que o relato das mulheres mesmo apresentando dificuldade em conceituar a temática, destacam as práticas danosas que são submetidas de teor físico, psíquico e sexual. Assim nota-se que o entendimento do conceito sobre violência obstétrica seja necessário para a identificação da problemática. Grande parte das mulheres não tem conhecimento sobre a temática, o que as torna submissa à qualquer oferta das equipes de saúde, resultando em ações danosas à sua integridade que são realizadas e tidas como atos corriqueiros, destacando assim um déficit na assistência, em especial no pré-natal também no quesito educação em saúde (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

Em relação as disparidades existentes, é possível perceber no estudo de Curi *et al.* (2020), no atendimento às mulheres grávidas, há interferência dos níveis raciais como fator de risco. Sendo assim, mulheres negras são mais depreciadas no quesito a acesso a informações ressaltando a lacuna no atendimento pré-natal se tratando não somente de um ato de violência obstétrica, mas também de uma violação com ligação direta a raça e gênero com uma desigualdade naturalizada.

Segundo destaca Silva *et al.* (2019) a educação em saúde é muito importante para o entendimento das puérperas fazendo que assim seus direitos sejam preservados. Deste modo, o profissional da saúde deve agir com ética, respeito, profissionalismo e humanização, servindo assim como um pilar no processo de cuidar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência obstétrica engloba uma serie de violações de direitos fundamentais das mulheres enraizada em nossa sociedade potencializada por questões de gênero, situações socioeconômicas e raciais. Deste modo, torna-se imperceptível a abordagem sobre a temática a medida que ainda na atualidade usam-se de estratégias danosas, desnecessárias e de apropriação do corpo da mulher muitas vezes sem o consentimento da mesma.

Percebe-se ausência de conhecimento das mulheres no que tange a violência obstétrica, o que presume uma lacuna na área educativa. Tal realidade facilita o abuso de práticas consideradas violentas causadas por profissionais que tem o dever de orientar, garantir o cuidado integral, digno e humanizado e acabam por ser realizados como se fossem naturais e com dificuldades de serem confrontados.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, L. P. *et al.* A. Violência Obstétrica: vivências de sofrimento entre gestantes do Brasil. .

Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, Salvador, v. 5, n. 1, p. 3– 9, 2016. Disponível em:

<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/847/598>. Acesso em: 03 mar. 2021.

BRANDT, G. P. *et al.* Violência Obstétrica: a verdadeira dor do parto. **Revista Gestão e Saúde**, RGS, v. 19, n. 1, p. 19-37, 2018. Disponível em:

<http://www.herrero.com.br/files/revista/file2a3ed78d60260c2a5bedb38362615527.pdf>: Acesso em: 03 abr. 2021.

CARVALHO, I. da S. *et al.* Formas de violência obstétrica vivenciadas por puérperas que tiveram parto normal. **Revista Enferm. Glob.**, Rio Grande do Norte, v. 16, n. 47, p. 80-88, 01 jul.

2017. Disponível em: https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1695-61412017000300071&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 05 abr. 2021.

CURI, P. L. *et al.* A violência obstétrica: praticada contra mulheres negras no sus. **Arq. Bras. Psicol.** (Rio J. 2003), [S.L.], n. 72, p. 156-169, 2020. Disponível em:

<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1149130>. Acesso em: 06 out. 2021

DINIZ, C. S. G. *et al.* Violência obstétrica como questão para a saúde pública no Brasil: origens, definições, tipologia, impactos sobre a saúde materna, e propostas para sua prevenção. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 377-384, 2015.

Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=s010412822015000300019&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 20 ago. 2021.

MENEZES, F. R. *et al.* O olhar de residentes em Enfermagem Obstétrica para o contexto da violência obstétrica nas instituições. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [S.L.], v. 24, p. 1-14, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/interface.180664>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/SNcjQGxYnDGYbfXPCTvcsgq/?format=html>. Acesso em: 18 out. 2021.

OLIVEIRA, M. S. S. *et al.* Vivências de violência: obstétrica experimentadas por parturientes. *Abcs Health Sciences*, [S.L.], v. 44, n. 2, p. 114-118, 30 ago. 2019. Semanal. NEPAS. <http://dx.doi.org/10.7322/abcshs.v44i2.1188>. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/10/1022349/44abc114.pdf>. Acesso em: 06 out. 2021.

OLIVEIRA, M. C. *et al.* Percepções sobre violências obstétricas: na ótica de puérperas. **Rev. Enferm. Ufpe On Line**, Recife, v. 6, n. 11, p. 2483-2489, 09 jun. 2017. Semanal. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/23415/19090>. Acesso em: 06 out. 2021.

Organização Mundial da Saúde – OMS. (2014). Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde. Genebra, em http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/134588/3/WHO_RHR_14.23_por.pdf Acesso em: 11 abr. 2021.

PALMA, C.C. *et al.* Violência obstétrica: em mulheres brasileiras. **Psico**, [S.L.], v. 48, n. 3, p. 216, 29 set. 2017. Semanal. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2017.3.25161>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/25161/pdf>. Acesso em: 06 out. 2021.

PEREIRA, J. S. *et al.* Violência obstétrica: ofensa a dignidade humana. **Brazilian Journal Of Surgery And Clinical Research: BJSCR**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 103- 108, 2016. Disponível em: https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/6646/1/ARTIGO_Viol%c3%aanciaObst%c3%a9tricaOfensa.pdf. Acesso em: 05 abr. 2021.

POSSATI, A. B. *et al.* Humanization of childbirth: meanings and perceptions of nurses. **Escola Anna Nery**, [S.L.], v. 21, n. 4, p. 1-6, 7 ago. 2017. Anual. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2016-0366>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/VVsfXjcBCgnXBYVNf7m68XS/?lang=pt>. Acesso em: 02 abr. 2021.

SILVA, F. da C. *et al.* O SABER DE PUÉRPERAS: sobre violência obstétrica. *Revista de Enfermagem Ufpe On Line*, [S.L.], v. 13, 9 out. 2019. **Revista de Enfermagem**, UFPE Online. <http://dx.doi.org/10.5205/1981-8963.2019.242100>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem>. Acesso em: 06 out. 2021.

SOARES, C. B. *et al.* Integrative review: Concepts and methods used in Nursing. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. 2, p. 335. Abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/3ZZqKB9pVhmMtCnsvVW5Zhc/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 01 out. 2021.

WOLFF, L. R. *et al.* Violência consentida: mulheres em trabalho de parto e parto. **Saúde e Sociedade**, [S.L.], v. 17, n. 3, p. 138-151, set. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902008000300014>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/5y44SctJDC9ZMc5bBJbYVZJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2021.



COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: CARREIRO, I. M.; ANDRADE, K. G. M. Conhecimento das mulheres sobre violencia obstetrica a busca pelo conhecimento que pode mudar a realidade. **Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico**, Itaperuna, v. 07, n. I, p. 1-12. 2022. DOI: 10.20951/2446-6778/v7n1a13.

AUTOR CORRESPONDENTE

Nome completo: Inara Mattos Carreiro
e-mail: inaramcarreiro@gmail.com
Nome completo: Kelly Gomes Messias Andrade
e-mail: andradekg@hotmail.com

RECEBIDO

10. 10. 2021.

ACEITO

12. 12. 2021.

PUBLICADO

10. 03. 2022.

TIPO DE DOCUMENTO

Revisão de Literatura